

Jesus, Rei e Testemunha da verdade (III)

Pesquisa exegetica-teológica de Jo 18, 33-38a

Summary

In the first part of this article the author analysed the particular characteristics of the Passion according to John. The second part represented an exegetical-theological examination of Jo 18, 33-38a. Through his rhetorical analyse the author showed how the Passion of Christ is characterised by his kingdom.

Now, in this, the third part of the article, the author wants to show the relationship between the kingdom of Christ and Revelation. In order to explain this relationship He first analyses Christ as witness. Christ is the witness of the Father because He knows the Father and only He knows the Father in the full sense (cf. Jo 1, 18). In this context we see that the divine knowledge of Christ is expressed with the verb ᾔδα, while his human knowledge is expressed with the verb γινώσκω.

In a second step He analyses Christ the King. Jesus himself helps us to understand his kingdom. We can participate in his kingdom only through a new birth (cf. Jo 3, 3-5). The desire of Christ, the King, is to bring us this new life. So, we remember the word of Christ, that He wants us to have life and have it abundantly (cf. Jo 10, 10). Jesus does this work as the Good Shepherd. So we see that Christ's work as King is the work of a Shepherd. Christ as King is the Good Shepherd. He is guiding his sheep and as the Good Shepherd He gives his life for his sheep.

In a third step we see Christ as truth. He is the truth because He is full of grace and in him we see the glory of the Father. The great gift of his Incarnation is the gift of truth; through it we receive the revelation of the Father. Christ is the way to the Father, and He is the way because He is the truth and the life. He transmits this grace because He is the light and the Word. As light He illuminates all people and as Word He brings us Revelation. The Holy Spirit, the Spirit of truth completes this work of Christ.

In this itinerary we come to see that Christ is truly the fullness of revelation. In comparison with the Old Testament He brings us fulfillment. This fulfillment is not only for the Israelites, but it is for all people on earth. Christ is really the Savior of the world (cf. Jo 4, 42).

The conclusion of the article is that the cross is the Revelation of the kingdom of Christ. Surrendering on the cross his life to the Father for the salvation of the world He fulfils his work of King. He wants to attract all men to himself (Jo 12, 32) in order to bring us the Revelation: God loves the world so much that He gives his only Son so that everyone who believes in him would have eternal live (cf. Jo 3, 16). This is his witness to the truth (cf. Jo 18, 37).

* * *

A ligação entre realeza e verdade

Na terceira parte do nosso trabalho queremos evidenciar a teologia da nossa perícopie sob o ponto de vista: “Jesus, Rei e testemunha da verdade”. A finalidade deste trabalho é mostrar a ligação entre a realeza de Jesus e a sua revelação.

Como primeiro passo, faremos algumas considerações sobre Jesus como testemunha. Ele mesmo disse que veio para dar testemunho da verdade (Jo 18, 37), i.é., Ele veio para revelar ao mundo o Pai e o mistério da redenção. Neste contexto Jesus se revela como Rei e Messias. Queremos mostrar que o seu testemunho é realmente veraz e digno de fé, porque Ele é testemunha ocular de tudo aquilo que Ele revela e comunica. Em Jo 3, 11 Jesus diz: “Em verdade, em verdade te digo: dizemos o que sabemos e damos testemunho do que vimos, mas não recebeis o nosso testemunho”. Neste texto encontramos a palavra μαρτυροῦμεν paralelo a λαλοῦμεν. Λαλεῖν é um verbo de revelação. São João nunca usa esta palavra para uma conversa profana, mas tão-somente para a comunicação da palavra revelada. Jesus, o revelador por excelência, usa esta palavra muitas vezes. Daí podemos concluir que o tema do testemunho é tema da revelação e, por isso, faz parte do nosso trabalho.

No próximo passo meditaremos Jesus como Rei. Incluímos nas nossas considerações uma comparação entre a realeza de Jesus e o reino de Deus, do qual Ele fala no capítulo terceiro do evangelho de São João, para aprofundarmos a compreensão da realeza de Jesus.

No terceiro passo, enfim, meditaremos Jesus como verdade. Nele, a verdade encarnada, encontramos a plenitude da revelação divina, que encontra o seu auge na Cruz. Por isso, poderemos concluir o nosso trabalho com a afirmação que Jesus na Cruz é o Rei da revelação.

I. Jesus como testemunha

O tema do testemunho permeia o evangelho inteiro de São João. Sim, o seu evangelho se apresenta como testemunho. João é testemunha de tudo aquilo que ele escreveu sobre a vida e as palavras de Jesus: “Este é o discípulo que dá testemunho de todas essas coisas, e as escreveu. E sabemos que é digno de fé o seu testemunho” (*Jo* 21, 24). Ele dá testemunho que Jesus é o Messias que nos trouxe a revelação divina. Pela fé nós nos tornamos partícipes da sua vida divina: “Fez Jesus, na presença dos seus discípulos, ainda muitos outros milagres que não estão escritos neste livro. Mas estes foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais a vida em seu nome” (*Jo* 20, 30-31). De la Potterie observa: “A idéia de testemunho era a mais apta para exprimir que João considerava o evangelho como a revelação trazida por Jesus.”¹

No início do evangelho João Batista dá testemunho de Jesus: “João dá testemunho d’Ele, e exclama: Eis aquele de quem eu disse: O que vem depois de Mim é maior do que eu, porque existia antes de Mim” (*Jo* 1, 15). Ele viu a sua glória, “a glória que o Filho único recebe do seu Pai, cheio de graça e de verdade” (*Jo* 1, 14).

Ambos, tanto João evangelista como João Batista, dão testemunho não somente daquilo que viram com os seus próprios olhos, mas sim daquilo que eles crêem. João Batista viu o Espírito descer sobre Jesus (cf. *Jo* 1, 32), mas ele dá testemunho que Jesus é o Filho de Deus: “Eu o vi e dou testemunho de que Ele é o Filho de Deus” (*Jo* 1, 34). João evangelista, no Gólgota, vê sair do lado de Jesus sangue e água; este acontecimento visível é para ele um sinal da obra da redenção, que se realizou neste momento. Ele dá testemunho desta realidade, escondida ao nosso olhar: “O que foi testemunha desse fato o atesta (e o seu testemunho é digno de fé, e ele sabe que diz a verdade), a fim de que vós creiais” (*Jo* 19, 35). Vamos, portanto, que o objeto do testemunho das testemunhas humanas é diferente daquilo que viram com os seus olhos: dão testemunho da sua fé. Um acontecimento que viram com os seus olhos, é para eles um sinal de uma realidade mais profunda, na qual eles crêem. Com os seus olhos eles vêem a humanidade de Jesus, a sua fé os faz ver a glória do Verbo eterno: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos sua glória, a

¹ I. de LA POTTERIE, *El concepto de testimonio en San Juan*, 270.

glória que o Filho único recebe do seu Pai, cheio de graça e de verdade” (*Jo* 1, 14). Mas esta glória eles podem reconhecer somente através da fé, como Jesus ensina a Marta: “Não te disse Eu: Se creres, verás a glória de Deus?” (*Jo* 11, 40). Neste sentido Jesus pode dizer: “aquele que Me vê, vê Aquele que Me enviou” (*Jo* 12, 45). Para aquele que crê, Jesus é a revelação do Pai: “Aquele que Me viu, viu também o Pai” (*Jo* 14, 9).

Neste contexto I. de la Potterie diz:

A vista corporal, condição do testemunho, constitui, pois, um de tantos casos nos quais se entende um termo joaneu simultaneamente no nível da experiência sensível e no das realidades espirituais. A visão não é já uma visão qualquer, senão aquela que conduz à fé, pela qual o acontecimento se torna um sinal. Para os discípulos, esta vista sensível era uma condição necessária, sem a qual não podiam chegar a ser testemunhas, como Jesus lhes disse: “Também vós dareis testemunho, porque estais comigo desde o princípio” (15, 27). O testemunho deles, porém, recairá diretamente sobre aquilo que a fé os fez descobrir em Jesus.²

Por isso, os discípulos dão testemunho, em primeiro lugar, da pessoa de Jesus. O que para eles é importante não são tanto certos pormenores da vida de Jesus, mas sim, a essência e o significado da Sua pessoa. O conteúdo do testemunho deles é que Jesus é o Filho de Deus (cf. *Jo* 1, 34), que Ele é eterno (cf. *Jo* 1, 15), que Jesus é a luz do mundo (cf. *Jo* 1, 7-8). Estes testemunhos querem levar-nos ao conhecimento, quem é Jesus, qual é o mistério da Sua pessoa e do Seu ser.

Por fim, Jesus mesmo é testemunha da revelação divina: “Ninguém jamais viu Deus. O Filho único, que está no seio do Pai, foi quem O revelou” (*Jo* 1, 18). Jesus confirma esta afirmação dizendo a Nicodemos: “Em verdade, em verdade te digo: dizemos o que sabemos e damos testemunho do que vimos, mas não recebeis o nosso testemunho” (*Jo* 3, 11). O testemunho de Jesus é a Sua revelação. Jesus revela o que Ele viu e ouviu. Ele é testemunha ocular da realidade divina, como João Batista é testemunha ocular da vida de Jesus (cf. *Jo* 1, 34) e João evangelista é testemunha ocular da morte de Jesus (cf. *Jo* 19, 35).

Enquanto os discípulos dão testemunho da fé deles acerca da pessoa de Jesus e de Deus, Jesus, falando sobre si mesmo ou sobre Deus, pode dar testemunho daquilo que Ele mesmo viu e ouviu: “Ele testemunha as coisas que viu e ouviu, mas ninguém recebe o seu testemunho” (*Jo* 3, 32).

² *Ibidem*, 274.

Em grego encontramos aqui o verbo *έώρακεν*. I. de la Potterie explica o significado deste verbo:

No perfeito *έώρακα* significa o que se tem visto e que deixou uma impressão duradoura; a visão se converteu numa posse interior. Isto significa que a visão corporal foi acompanhada de um olhar de fé; a visão se converteu em contemplação.³

Jesus, portanto, não fala de alguma coisa que Ele crê, mas sim daquilo que Ele realmente sabe, porque viu e que Ele, por isso, possui no seu coração. No quarto evangelho, os dois verbos, *γινώσκω* e *οἶδα*, significam o conhecimento de Jesus. Queremos examiná-los mais de perto. Se compreendemos melhor o conhecimento de Jesus, compreenderemos também mais profundamente o seu testemunho.

1. O uso de *γινώσκω* e *οἶδα* no grego clássico

Antes de examinar o significado exato dos verbos *γινώσκω* e *οἶδα* no quarto evangelho, devemos expor brevemente o uso no grego clássico, porque I. de La Potterie, apoiando-se em J. B. Lightfoot, explica que estes dois verbos mantinham o seu significado clássico no evangelho de São João.⁴

Para os gregos, *γινώσκω* significava originalmente o progresso do conhecimento, o pensamento que leva ao conhecimento, portanto, não diretamente o conhecimento como tal. Este progresso do conhecimento pode ser o resultado de um exame pormenorizado, de uma instrução recebida, de uma experiência ou de um raciocínio. Dai temos várias possibilidades de tradução, como p. ex.: apreender, constatar, conhecer, compreender, perceber.⁵

O verbo *οἶδα*, ao contrário, significa o conhecimento como tal. Trata-se do perfeito da raiz *ειδ* - “ver”. Esta forma encontramos também como perfeito do verbo *γινώσκω*. Este conhecimento não é necessariamente um conhecimento adquirido, não pressupõe a própria experiência. Pode ser também um conhecimento intuitivo.

O evangelho de São João acolhe este significado. São João usa *γινώσκω* para indicar a origem do conhecimento; p. ex. *Jo* 1, 48: *πόθεν με γινώσ-*

³ *Ibidem*, 274.

⁴ I. de LA POTTERIE, *οἶδα e γινώσκω*, 303.

⁵ Cf. *ibidem*, 304.

κεις? Também *Jo* 13, 35: ἐν τούτῳ γνώσονται πάντες. Em ambos os casos se trata de um conhecimento indireto: chega-se ao conhecimento através de uma informação. Casos semelhantes encontramos em *Jo* 12, 9; 4, 59; 8, 52.

O conhecimento como tal se exprime por οἶδα. Assim p.ex. *Jo* 7, 15: “Os judeus se admiravam e diziam: Este homem não fez estudos. Donde Lhe vem, pois, este conhecimento das Escrituras?” (οἶδεν μὴ μεμαθηκώς). Os judeus excluem, pois, uma fonte de conhecimento: Jesus conhece as escrituras sem ter estudado. Alguma coisa bem conhecida, se exprime frequentemente, com οἶδαμεν ὅτι: “Rabi, sabemos que és um Mestre vindo de Deus. Ninguém pode fazer esses milagres que fazes, se Deus não estiver com ele” (*Jo* 3, 2; cf. também, 4, 42; 9, 20.24.29.31; 16, 30; 21, 24). Οἶδα se usa também para salientar o conhecimento ou sublinhar a evidência de um conhecimento, p.ex. *Jo* 9, 25: “Se esse homem é pecador, não o sei... Sei apenas isto: sendo eu antes cego, agora vejo”. O mesmo caráter absoluto tem a negação do verbo οἶδα: “Onde está esse homem? Respondeu: Não o sei” (*Jo* 9, 12). Ele quer dizer com isto que ele realmente não sabe.

Existem ainda mais exemplos, mas estes são suficientes para mostrar que estes dois verbos têm, no evangelho de São João, o mesmo significado como no grego clássico. Examinemos, então, o conteúdo teológico destes dois verbos.

2. O conhecimento de Jesus, expresso por γινώσκω

O conhecimento natural, humano de Jesus é sempre expresso por γινώσκω. “O Senhor soube que os fariseus tinham ouvido dizer que Ele recrutava e batizava mais discípulos que João” (*Jo* 4, 1). Jesus chegou a este conhecimento pelo caminho natural. Alguém deve ter comunicado a Ele. Semelhante é *Jo* 5, 6: “Vendo-o deitado e sabendo que já havia muito tempo que estava enfermo, perguntou-lhe Jesus: Queres ficar curado?” (cf. *Jo* 6, 15; 16, 19).

Também as seguintes passagens tratam do conhecimento humano de Jesus. *Jo* 2, 24-25: “Mas Jesus mesmo não se fiava neles, porque os conhecia a todos. Ele não necessitava que alguém desse testemunho de nenhum homem, pois Ele bem sabia o que havia no homem”. Pela sua experiência com os homens Jesus tinha aprendido a interpretar e compreender as atitudes das pessoas. São João nos faz entender que Jesus possuía esta capacidade de maneira mais perfeita do que outras pessoas,

porque Jesus em geral “sabia o que havia no homem”. Mas isto ainda não necessariamente significa que se trata de um conhecimento divino de Jesus. Uma vez que São João usa o verbo γινώσκω, recomenda-se esta compreensão.

Também em *Jo* 10, 24.27 Jesus usa duas vezes o verbo γινώσκω: “O bom Pastor conhece as suas ovelhas, assim como as ovelhas o conhecem”. Neste caso trata-se de um conhecimento mútuo entre amigos. Em *Jo* 10, 15 é até usado o verbo γινώσκω para o conhecimento entre Pai e Filho, enquanto em 7, 29 e 8, 55 é usado três vezes o verbo οἶδα para o conhecimento entre Filho e Pai. O motivo deve ser o seguinte: em *Jo* 10, 15 não se trata do conhecimento divino entre Pai e Filho como tal, mas este conhecimento entre Pai e Filho é apresentado como protótipo das relações inter-humanas: “Eu sou o bom pastor. Conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas conhecem a Mim, como meu Pai Me conhece e Eu conheço o Pai” (*Jo* 10, 14-15).

Muito interessante é a conversa entre Jesus e Pedro depois da ressurreição (*Jo* 21, 15-19). Pedro responde duas vezes: *Ναί, κύριε, σὺ οἶδας ὅτι φιλω σε*. Na terceira vez ele diz: *πάντα σὺ οἶδας, σὺ γινώσκεις ὅτι φιλω σε*. Pedro se refere ao conhecimento sobrenatural de Jesus somente em geral (*πάντα σὺ οἶδας*), no que diz respeito a ele pessoalmente ele se refere à experiência humana de Jesus, de modo que podemos traduzir de maneira seguinte: “segundo a Tua experiência da nossa convivência, Tu deves saber, que eu Te amo.”⁶

3. O conhecimento de Jesus expresso por οἶδα

O uso do verbo οἶδα é diferente do de γινώσκω. Οἶδα se refere ao conhecimento absoluto de Jesus que inclui o conhecimento das coisas divinas. Somente Jesus pode dizer: *ἐγὼ οἶδα αὐτόν, ὅτι παρ’ αὐτοῦ εἰμι κάκεινός με ἀπέστειλεν* (*Jo* 7, 29). E também *Jo* 8, 55: *καὶ οὐκ ἐγνώκατε αὐτόν, ἐγὼ δὲ οἶδα αὐτόν. κἂν εἶπω ὅτι οὐκ οἶδα αὐτόν, ἔσομαι ὅμοιος ὑμῖν ψεύστης· ἀλλὰ οἶδα αὐτόν καὶ τὸν λόγον αὐτοῦ τηρῶ*.

Jesus possui este conhecimento porque Ele “está no Pai e o Pai está n’Ele”, porque Ele vive em comunhão íntima de vida com Ele: “Para que todos sejam um, assim como Tu, Pai, estás em Mim e Eu em Ti, para que também eles estejam em Nós e o mundo creia que Tu Me enviaste” (*Jo*

⁶ Cf. *ibidem*, 306-307.

17, 21). Não tem necessidade de um mediador entre Ele e o Pai (cf. *Jo* 17, 23), Ele vem do Pai (cf. *Jo* 16, 27), Ele está junto do Pai (cf. *Jo* 1, 1-2) e Ele conhece também exatamente os planos de Deus (*Jo* 8, 14). Porque Ele sabe tudo, Ele pode também revelar as coisas celestes: “Em verdade, em verdade te digo: dizemos o que sabemos e damos testemunho do que vimos, mas não recebeis o nosso testemunho (ὅτι ὃ οἶδαμεν λαλοῦμεν καὶ ὃ ἐωράκαμεν μαρτυροῦμεν)” (*Jo* 3, 11). Além disso, Jesus sabe que o testemunho, que o Pai dá de Jesus, é válido (*Jo* 5, 32), porque o Pai O ouve sempre (*Jo* 11, 42) e a sua missão é transmitir vida eterna (*Jo* 12, 50).

Este conhecimento de Jesus se refere não somente à sua relação com o Pai, mas também a tudo o que o Pai Lhe confiou: “Sabendo Jesus que os discípulos murmuravam por isso, perguntou-lhes: Isso vos escandaliza?” (*Jo* 6, 61). À primeira vista parece que se trata aqui de um conhecimento experimental de Jesus que exigiria o verbo γινώσκω como também no caso seguinte de *Jo* 6, 64: “Mas há alguns entre vós que não crêem... Pois desde o princípio Jesus sabia quais eram os que não criam e quem O havia de trair”. Porque o fato da traição Jesus poderia ter sabido por coisas exteriores: “Pois sabia quem O havia de trair; por isso, disse: Nem todos estais puros” (*Jo* 13, 11). Apesar disso encontramos nestes três casos o verbo οἶδα. Evidentemente São João quer mostrar-nos com isto que, nestes três casos, se trata do conhecimento divino de Jesus. Jesus não soube por acontecimentos humanos ou circunstâncias, mas sim, Ele “sabia desde o princípio quais eram os que não criam e quem O havia de trair”. Jesus sabia (εἰδὼς, ἤδει γάρ) por si mesmo, não por outros. Este conhecimento claro, absoluto de Jesus encontramos também na multiplicação dos pães em *Jo* 6, 6: “Falava assim para o experimentar, pois bem sabia (ἤδει γάρ) o que havia de fazer”. “O evangelista mostra desta forma a figura de Jesus com pleno domínio da situação por um motivo interno: o conhecimento certo e absoluto que Jesus tem dos acontecimentos e das pessoas.”⁷⁷ Jesus também não é surpreendido por causa da traição de Judas; Ele sabia o que ia acontecer: “Não digo isso de vós todos; conheço os que escolhi, mas é preciso que se cumpra esta palavra da Escritura: *Aquele que come o pão comigo levantou contra Mim o seu calcanhar*” (*Jo* 13, 18).

Encontramos o conhecimento divino de Jesus especialmente em conexão com a sua “hora”: “Antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que

⁷⁷ J. CABA, *Cristo, pan de vida*, 113.

chegara a sua hora de passar deste mundo ao Pai” (*Jo* 13, 1). Jesus se levantou da ceia na plena consciência que “o Pai tudo Lhe dera nas mãos, e que saíra de Deus e para Deus voltava” (*Jo* 13, 3), para lavar os pés dos seus discípulos. Da mesma forma quando prendem Jesus, Ele estava plenamente consciente de tudo o que havia de acontecer: “Como Jesus soubesse tudo o que havia de Lhe acontecer, adiantou-se e perguntou-lhes: A quem buscais?” (*Jo* 18, 4). Na Cruz, enfim, Ele tem a certeza divina de ter cumprido a vontade do Pai: “Em seguida, sabendo Jesus que tudo estava consumado, para se cumprir plenamente a Escritura, disse: Tenho sede” (*Jo* 19, 28). Jesus realiza a obra da salvação na consciência plena de ter aceito tudo voluntariamente, o que o Pai determinou para Ele. Os discípulos experimentaram este conhecimento total de Jesus na sua vida: “Agora sabemos que conheces todas as coisas e que não necessitas que alguém te pergunte. Por isso, cremos que saíste de Deus” (*Jo* 16, 30). E depois da ressurreição Pedro confessa solenemente: “Senhor, Tu sabes tudo” (*Jo* 21, 17).

Encontramos, pois, no evangelho de São João documentos claros do conhecimento humano, experimental de Jesus, comparável com o de outras pessoas. Mas encontramos também, inegavelmente, o conhecimento divino de Jesus, Palavra eterna, que nos revela o Pai, porque Ele O viu e O conhece. Nada está escondido diante d’Ele. E Ele veio para fazer-nos participar do seu conhecimento: “Porque Eu lhes transmiti as palavras que Tu Me confiaste e eles as receberam e reconheceram verdadeiramente que saí de Ti, e creram que Tu Me enviaste” (*Jo* 17, 8). Ele, que é a verdade (cf. *Jo* 14, 6) veio para dar testemunho da verdade (cf. *Jo* 18, 37; 5, 33). Esta verdade é a revelação que Ele é o salvador do mundo: “E diziam à mulher: Já não é por causa da tua declaração que cremos, mas nós mesmos ouvimos e sabemos ser este verdadeiramente o Salvador do mundo” (*Jo* 4, 42)⁸

Vemos, portanto, que o conceito do testemunho tem uma posição central no evangelho de São João com conteúdo teologicamente rico. João apresenta o seu evangelho como testemunho daquilo que ele mesmo ouviu e viu e pelo qual ele chegou a crer em Jesus. Apresenta-nos o testemunho de Jesus da verdade a fim de que reconheçamos o sentido das suas obras e sinais que é a revelação de Jesus Cristo e do Pai. João convida-nos a escutarmos a voz de Jesus e acreditarmos em sua revelação.

⁸ Cf. I. de LA POTTERIE, *οἶδα e γινώσκω*, 308-309.

II. Jesus como Rei

Nesta parte do nosso trabalho queremos alargar um pouco a exegese da segunda parte incluindo *Jo* 3, 3.5 nas nossas considerações. Também neste trecho Jesus fala de βασιλεία, contudo fala de βασιλεία τοῦ θεοῦ. Será interessante mostrar as ligações entre βασιλεία τοῦ θεοῦ e ἡ βασιλεία ἡ ἐμῆ. Veremos que ambas as realidades se concentram na pessoa de Jesus. Por isso, devemos também aprofundar o tema de Jesus como Rei. A parábola do Bom Pastor nos ajudará ver Jesus como Rei, que dá testemunho da verdade para todos aqueles que ouvem a sua voz e Lhe seguem.

1. A realeza de Jesus

Na sua conversa com Nicodemos, Jesus fala sobre o reino de Deus, explicando a necessidade absoluta de um renascimento, sem o qual ninguém poderá “ver o Reino de Deus” (*Jo* 3, 3). Sim, “quem não renascer da água e do Espírito não poderá entrar no Reino de Deus” (*Jo* 3, 5). O texto fala de maneira negativa de “não poder”, mas significa positivamente: quem renascer da água e do Espírito, poderá ver o reino de Deus e entrar nele.

O reino de Deus, do qual Jesus fala, é inseparavelmente ligado com este renascimento da água e do Espírito. Para compreendermos bem o reino de Deus, devemos, portanto, esclarecer o que significa tal renascimento e quais são as suas conseqüências.

A resposta dupla de Jesus a Nicodemos explica o nosso assunto. As palavras de Jesus se encontram num paralelismo sinonímico:⁹

Versículo 3:

- | | |
|---|---------------------------------|
| A | Em verdade, em verdade te digo: |
| B | quem não nascer de novo |
| C | não poderá ver o Reino de Deus. |

Versículo 5:

- | | |
|----|---|
| A' | Em verdade, em verdade te digo: |
| B' | quem não renascer da água e do Espírito |
| C' | não poderá entrar no Reino de Deus. |

⁹ Cf. U. VANNI, *Regno “non da questo mondo”*, 327, nota 4.

Em ambos os casos trata-se de uma palavra de revelação,¹⁰ introduzida solenemente pelo duplo “em verdade, em verdade te digo” (A e A’), que sublinha e confirma a afirmação seguinte. A verdade que Jesus quer revelar se refere ao renascimento. Podemos ver a revelação progressiva: em B Jesus fala do renascimento, em B’ Ele fala do renascimento da “água e do espírito”. A vida nova, para a qual renascemos, começa com o Batismo (B), mas é aperfeiçoada pelo Espírito (B’). O Batismo nos traz uma primeira compreensão e posse desta vida nova, que nos deixa “ver” os bens do reino de Deus (C), enquanto o Espírito nos introduz e incorpora nele completamente (C’). Prof. Vanni completa ainda: “A compreensão e a participação do reino exige a compreensão e participação na verdade de Jesus, que o cristão recebe do Espírito.”¹¹

Encontramos aqui a eficácia do Espírito da verdade, como é chamado frequentemente no evangelho de São João: “É o Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, porque não O vê nem O conhece, mas vós O conhecereis, porque permanecerá convosco e estará em vós” (*Jo* 14, 17). Este Espírito da verdade dá testemunho de Jesus (cf. *Jo* 15, 26) e nos introduzirá em toda a verdade (cf. *Jo* 16, 13). A ligação entre Espírito e verdade encontramos já em *Jo* 4, 23: “Mas vem a hora, e já chegou, em que os verdadeiros adoradores não de adorar o Pai em espírito e verdade, e são esses adoradores que o Pai deseja”. Vemos que não se pode compreender a verdade sem o Espírito Santo nem o Espírito Santo sem referi-lo à verdade.¹² Voltaremos a este ponto no próximo capítulo. Por agora é importante a ligação entre Espírito e Reino de Deus. Somente pela ação do Espírito Santo podemos participar no reino de Deus. Quem vê o reino de Deus e participa nele é aquele cristão que impulsionado pelo Espírito Santo atualiza a verdade de Cristo na sua vida.¹³

Existe, então, uma diferença entre o “reino de Deus”, do qual Jesus fala aqui e a βασιλεία em *Jo* 18, 33-38? Segundo o contexto do capítulo 3 podemos concluir que βασιλεία τοῦ θεοῦ como também βασιλεία ἡ ἐμὴ são totalmente concentrados na pessoa de Jesus.

Nicodemos quer encontrar em Jesus o mestre de Deus: “Rabi, sabemos que és um Mestre vindo de Deus. Ninguém pode fazer esses mila-

¹⁰ Cf. I. de LA POTTERIE, *Nascere dall’acqua e nascere dallo Spirito*, 49.

¹¹ U. VANNI, *Regno “non da questo mondo”*, 327, nota 4.

¹² *Ibidem*, 328, nota 5.

¹³ *Ibidem*, 328.

gres que fazes, se Deus não estiver com ele” (*Jo* 3, 2). Exatamente este ponto é o ponto de onde parte Jesus para explicar o novo nascimento e o reino de Deus. O centro de todas as explicações é sempre Jesus: “Ninguém subiu ao céu senão aquele que desceu do céu, o Filho do Homem que está no céu” (*Jo* 3, 13). Este filho do homem deve “ser exaltado” (*Jo* 3, 14), para isso Deus O deu ao mundo: “Com efeito, de tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu seu Filho único, para que todo o que n’Ele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (*Jo* 3, 16). A fé n’Ele liberta do julgamento (cf. *Jo* 3, 18). Ele veio ao mundo como luz (cf. *Jo* 1, 9; 3, 19). Quem faz a verdade encontrará Jesus: “Mas aquele que pratica a verdade, vem para a luz. Torna-se assim claro que as suas obras são feitas em Deus” (*Jo* 3, 21).

Vemos, portanto, que o contexto do reino de Deus nos leva sempre para a pessoa de Jesus. Jesus não diz expressamente, que o reino de Deus é idêntico à sua realeza (*Jo* 18, 36). A ligação entre os dois encontramos no acolhimento fiel da verdade. Vimos que a compreensão e a participação no reino de Deus, exigem a compreensão e a participação na verdade de Cristo, que é realizada pelo Espírito Santo. Jesus mesmo fala em *Jo* 18, 37 do seu testemunho da verdade: todos os que são da verdade ouvem a sua voz.¹⁴

Verdade significa no evangelho de São João a revelação que Jesus nos trouxe. Esta revelação não é simples e nem somente um conhecimento teórico do mistério de Deus e da salvação, mas quer transmitir-nos também a vida divina. O renascimento da água e do espírito precede à entrada e a participação no reino de Deus, i.é., a posse da vida nova é condição para poder participar no reino de Deus. A participação na verdade de Cristo é ao mesmo tempo participação na sua vida divina, como ensina Jesus: “Todo o que é da verdade ouve a minha voz” (*Jo* 18, 37). “Ser da verdade” significa ser penetrado da verdade, ser penetrado da revelação que Jesus nos traz e que, enfim, é Ele mesmo (cf. *Jo* 46), significa possuir a vida divina. Somente assim somos capazes de ouvir a voz de Jesus. Isto compreenderemos melhor ainda quando contemplamos Jesus como Rei.

2. Jesus como Rei

Existe uma relação recíproca entre a chegada de Jesus ao mundo, seu testemunho para a verdade e a sua realeza. Jesus diz: “Para isso (εἰς

¹⁴ Cf. U. VANNI, *Regno “non da questo mondo”*, 328.

τοῦτο) nasci e vim ao mundo, para dar testemunho da verdade” (*Jo* 18, 37). Jesus mesmo liga a sua realeza com o testemunho da verdade. Somente quem é “da verdade”, poderá participar na realeza de Jesus. “Ser da verdade” significa a conformidade da fé com o testemunho que Jesus dá da verdade. Por isso, a realeza de Jesus está intimamente unida com a sua verdade. O reino de Deus, do qual Jesus fala a Nicodemos, realiza-se somente na medida em que a verdade, da qual Jesus dá testemunho, é acolhida e realizada na vida. Como Jesus se identifica com a sua verdade (cf. *Jo* 14, 6), a identidade entre a verdade e a sua realeza nos leva para a personificação: Jesus, a verdade, é o rei do reino de Deus. O reino de Deus é o seu reino. Por conseguinte, a sua realeza - ἡ βασιλεία ἡ ἐμὴ - se relaciona com o reino de Deus.¹⁵

Olhando para Jesus como Rei, o nosso olhar se dirige logo para a parábola do bom Pastor. Jesus mesmo nos dá este aviso, quando Pilatos Lhe pergunta: “És, portanto, rei?”, Jesus responde: “Sim, tu dizes que Eu sou rei. É para dar testemunho da verdade que nasci e vim ao mundo. Todo o que é da verdade ouve a minha voz” (*Jo* 18, 37). Como Rei Ele quer ser testemunha da verdade. Esta é a finalidade da sua vida e da sua missão. Todos que Lhe pertencem, escutam a sua voz. Assim Jesus está concorde com o Antigo Testamento. O profeta Ezequiel vê o sucessor de Davi como pastor do seu povo: “Para pastoreá-las suscitarei um só pastor, meu servo Davi. Será Ele quem as conduzirá à pastagem e lhes servirá de pastor” (*Ez* 34, 23).

I. de la Potterie confirma isto dizendo: “O Pastor que vai à frente das suas ovelhas se apresenta, por isso, como a nova cabeça do povo de Deus.”¹⁶ Jesus não quer ser um rei com poder político: “O meu Reino não é deste mundo. Se o meu Reino fosse deste mundo, os meus súditos certamente teriam pelejado para que Eu não fosse entregue aos judeus. Mas o meu Reino não é deste mundo” (*Jo* 18, 36). Como bom Pastor, Ele vai à frente dos seus, mas exige deles um seguimento incondicional até a morte.

Em *Jo* 10, 1 Jesus fala da ἡ ἀλλή τῶν προβάτων. A maioria dos autores pensa num aprisco de ovelhas comum. Inácio de La Potterie mostra que a palavra ἀλλή na Bíblia grega nunca significa aprisco de ove-

¹⁵ *Ibidem*, 329.

¹⁶ I. de LA POTTERIE, *Il buon Pastore*, 93.

¹⁷ *Ibidem*, 90.

lhas.¹⁷ Geralmente significa o recinto diante do Santíssimo ou do Templo (cf. *Apc* 11, 2). Em *Jo* 18, 15 significa o pátio da casa do sumo sacerdote. No AT o povo de Deus também muitas vezes é chamado “ovelhas” (cf. *Ez* 34, 31; *Jer* 23, 1; cf. no NT *Mt* 10, 6; 25, 32). Por isso, podemos pensar em *Salmo* 100 (99), 3-4: “Sabei que o Senhor é Deus: Ele nos fez, e a Ele pertencemos. Somos o seu povo e as ovelhas de seu rebanho. Entrai cantando sob seus pórticos, vinde aos seus átrios com cânticos; glorificai-o e bendizei o seu nome”.

O bom Pastor “chama as ovelhas pelo nome e as conduz à pastagem. Depois de conduzir todas as suas ovelhas para fora, vai adiante delas; e as ovelhas seguem-n’O, pois Lhe conhecem a voz” (*Jo* 10, 3-4). As ovelhas, que escutam a sua voz, seguem-n’O. São as “suas” ovelhas por que o Pai Lhas deu (cf. *Jo* 10, 29), como também na última Ceia Jesus chama os seus discípulos “os Seus”, ou como Ele fala também da “sua realeza”.

O Verbo ἐξάγει nos lembra do êxodo de Israel do Egito: “Vai, eu te envio ao faraó para tirar do Egito os israelitas, meu povo” (*Ex* 3, 10; cf. *Ez* 34, 13). “Tirar” tem o sentido de libertação da escravidão. O bom Pastor quer, portanto, libertar as suas ovelhas de qualquer escravidão. O trágico do momento é, que o povo rejeita cegamente a revelação da verdadeira luz e não quer seguir o bom Pastor que quer tirar o povo da αὐλή do AT para formar com eles uma nova comunidade.

O Pastor vai em adiante das suas ovelhas e elas seguem-no. A expressão ἔμπροσθεν αὐτῶν πορεύεται lembra de novo o êxodo do Egito: “O Senhor, vosso Deus, que marcha diante de vós, combaterá Ele mesmo em vosso lugar, como sempre o fez sob os vossos olhos, no Egito” (*Dt* 1, 30). Jesus vai adiante dos Seus para preparar-lhes um lugar junto do Pai (cf. *Jo* 14, 2-3.12.28). Indo adiante, Ele volta para junto do Pai, de onde Ele veio (cf. *Jo* 16, 28). O seu retorno é bom para nós, porque nos enviará o Espírito Santo (cf. *Jo* 16, 7).

As ovelhas seguem-n’O e escutam a sua voz; elas se submetem ao seu mestre como o fizeram também os apóstolos (cf. *Jo* 1, 37-38.43). Jesus promete àquele, que O segue, a luz da vida (cf. *Jo* 8, 12). O discípulo fiel deve seguir o mestre, mesmo que isto significasse a morte (cf. *Jo* 21, 19).

Em 10, 11 Jesus se chama a si mesmo o “bom Pastor”: Ἐγὼ εἶμι ὁ ποιμὴν ὁ καλός. O adjetivo καλός, no evangelho de São João, se refere aos bens da salvação, que Jesus traz aos homens.¹⁸ Jesus diz aos judeus:

¹⁸ Cf. *ibidem*, 99.

“Tenho-vos mostrado muitas obras boas da parte de meu Pai. Por qual dessas obras Me apedrejais?” (*Jo* 10, 32). Igualmente o bom vinho das bodas de Caná é um sinal dos bens futuros da salvação, que o Messias nos traz: “É costume servir primeiro o vinho bom e, depois, quando os convidados já estão quase embriagados, servir o menos bom. Mas tu guardaste o vinho melhor até agora” (*Jo* 2, 10).

Por que Jesus se chama o “bom Pastor”? Ele é o bom Pastor porque dá a sua vida para as ovelhas (cf. *Jo* 10, 11), e vive com elas em comunhão de vida: “Eu sou o bom pastor. Conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas conhecem a Mim, como meu Pai Me conhece e Eu conheço o Pai. Dou a minha vida pelas minhas ovelhas” (*Jo* 10, 14-15). I. de la Potterie diz que o adjetivo “bom” põe em plena luz a obra da salvação que o Pastor messiânico cumpriu.¹⁹ Os bens da salvação que Jesus oferece aos seus são, portanto, a entrega da sua vida como também a possibilidade de viver em comunhão de vida com Ele como Ele vive em comunhão com o Pai.

Nos versículos 15.17.18 Jesus repete quatro vezes que Ele dá a sua vida pelas suas ovelhas: τὴν ψυχὴν μου τίθημι ὑπὲρ τῶν προβάτων. Nos evangelhos sinóticos encontramos a expressão δοῦναι τὴν ψυχὴν αὐτοῦ para entrega de vida (p. ex. *Mc* 10, 45). João usa aqui o verbo τίθημι. Este verbo se usa, normalmente, para coisas não animadas, como p. ex. servir o vinho (2, 10), depor as vestes (13, 4), fixar uma inscrição (19, 19), sepultar um morto (11, 34). Mas, como contraste a uma posse egoísta, se usa este verbo para exprimir a entrega. João exprime com este verbo a entrega voluntária da vida: “O Pai Me ama, porque dou a minha vida para a retomar” (*Jo* 10, 17). Ninguém o pode forçar para esta entrega (cf. 10, 18). Jesus tem plena consciência daquilo que acontecerá (cf. *Jo* 18, 4). Nada o pode desviar desta sua decisão livre, porque é a sua aceitação plena e, ao mesmo tempo, filial da vontade do Pai (cf. *Jo* 18, 11).

O bom Pastor dá a sua vida voluntariamente pelas suas ovelhas. Esta sua entrega é a revelação do amor do Filho para com o Pai, mas também do amor para conosco. O seu amor é ainda sublinhado e acentuado pelo uso da preposição ὑπέρ, que se deve traduzir com “para, em favor de”: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida por seus amigos” (*Jo* 15, 13; cf. 6, 51). Graças a esta entrega recebemos a vida (cf. *Jo* 10, 20).²⁰

¹⁹ I. de LA POTTERIE, *Il buon Pastore*, 99.

²⁰ Cf. *Ibidem*, 100. W. BAUER, *Wörterbuch zum Neuen Testament*, 1670-1672.

O bom Pastor não somente entrega a sua vida para as suas ovelhas, mas ele vive com elas numa íntima comunhão de vida. Por isso, Jesus não fala mais das Suas ovelhas. O tom é mais pessoal, mais familiar, Ele fala dos “Seus” (τὰ ἐμὰ): “Eu sou o bom pastor. Conheço os Meus e os Meus conhecem a Mim, como Meu Pai Me conhece e Eu conheço o Pai. Dou a minha vida pelas minhas ovelhas” (Jo 10, 14-15). O conhecimento recíproco entre Jesus e os “Seus” é imagem do conhecimento entre Pai e Filho. Schnackenburg explica: “Devemos ter presente que ‘conhecer’ na Bíblia é um ato que forma e aprofunda a comunhão.”²¹

Esta comunhão se torna visível pelo pronome possessivo τὰ ἐμὰ: Jesus possui, de alguma maneira, aqueles que Lhe pertencem. Esta posse é o conhecimento recíproco, como Ele mesmo explica. É um conhecimento cheio de amor, no qual Jesus convida os Seus a segui-l’O. Receberão por isso a vida eterna (cf. Jo 10, 27-28). O Seu amor até o extremo (cf. Jo 13, 1) quer que o amor com que o Pai O ama esteja também neles (cf. Jo 17, 26; cf. 6, 56). Este é o Seu desejo: “Eu neles e Tu em Mim, para que sejam perfeitos na unidade e o mundo reconheça que Me enviaste e os amaste, como amaste a Mim” (Jo 17, 23). A vida eterna é a participação no conhecimento e na vida de Deus: “Ora, a vida eterna consiste em que conheçam a Ti, um só Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo que enviaste” (Jo 17, 3).

O conhecimento entre Jesus e os Seus está em relação direta para o conhecimento entre Pai e Filho: γινώσκω τὰ ἐμὰ καὶ γινώσκουσί με τὰ ἐμὰ, καθὼς γινώσκει με ὁ πατήρ καὶ γὼ γινώσκω τὸν πατέρα. A conjunção καθὼς tem aqui um sentido causativo e não comparativo.²² Assim vemos que a relação entre Pai e Filho é o fundamento como também o modelo para a comunhão entre Jesus e os Seus: a comunhão de Jesus com os seus discípulos é uma participação na comunhão entre Jesus e o seu Pai. Quem crê em Jesus e vive em comunhão com Ele entra através desta comunhão na comunhão vital entre Filho e Pai: “As minhas ovelhas ouvem a minha voz, Eu as conheço e elas Me seguem. Eu lhes dou a vida eterna; elas jamais hão de perecer, e ninguém as roubará de minha mão. Meu Pai, que mas deu, é maior do que todos; e ninguém as pode arrebatá-las da mão de meu Pai. Eu e o Pai somos um” (Jo 10, 27-30).

²¹ R. SCHNACKENBURG, *Das Johannesevangelium*, I, 515. Cf. I. de LA POTTERIE, *Il buon Pastore*, 102.

²² Cf. W. BAUER, *Wörterbuch zum Neuen Testament*, 794. Cf. também: BLASS-DEBRUNNER, *Grammatik des neutestamentlichen Griechisch*, § 453, 2.

Temos contemplado a realeza de Jesus por meio da parábola do bom Pastor porque esta parábola mostra muito bem a ação régia de Jesus: Ele é Rei para dar-nos a vida eterna e fazer-nos participar na vida divina.

A explicação de São João no versículo 6: “Jesus disse-lhes essa parábola, mas não entendiam do que Ele queria falar” mostra que a parábola do bom Pastor não se refere somente a Jesus como Rei, mas também a Jesus como testemunha da verdade. As palavras de Jesus são claramente um discurso de revelação. Além da fórmula típica de revelação ἐγὼ εἶμι, que aparece em 10, 7.9.11.14, Jesus usa o verbo λαλεῖν, que nunca é usado para uma conversa profana, mas somente para a comunicação da palavra revelada (cf. p.ex. 4, 26; 9, 37). Enquanto a primeira parte do versículo apresenta o fato que Jesus fez este sermão (εἶπεν), São João usa na segunda parte as palavras οὐκ ἔγνωσαν e λαλεῖν para exprimir a incapacidade dos judeus de compreender o significado das palavras de Jesus. Eles não são capazes de compreender a revelação de Jesus.

Jesus é Rei para dar testemunho da verdade. Na sua pessoa encontramos a plenitude da verdade. Assim chegamos agora ao terceiro ponto das nossas considerações com o tema: Jesus como verdade. Queremos considerar os aspectos diferentes da revelação para poder concluir que Jesus é realmente a plenitude da revelação.

III. Jesus como verdade

No AT se usa para “verdade” a palavra מֶמֶט. Significa uma realidade que é firme, válida, obrigatória, fundamental.²³ O mais seguro e firme de todas as coisas é JHWH, as suas obras e as suas palavras. Por isso, Blank indica com insistência o “caráter pessoal de מֶמֶט que em ligação com Jahwe ou com uma pessoa humana certamente quer exprimir alguma coisa sobre esta pessoa.”²⁴ Isto é muito importante, porque está em oposição à opinião de Bultmann que pensa que מֶמֶט não exprimiria a atitude de uma pessoa como seria o caso de ἀλήθεια.²⁵ Um outro argumento contra a opinião de Bultmann é que ele se faz depender de antemão de um pensamento dualístico. “O contraste da realidade divina à realidade contra-di-

²³ Cf. G. QUELL, ἀλήθεια, em: *ThWNT* I, 233.

²⁴ J. BLANK, *Der johanneische Wahrheits-Begriff*, 163.

²⁵ R. BULTMANN, ἀλήθεια, em: *ThWNT* I, 240.

vina se mostra na formulação de Jo 8, 44, que tem a sua origem na mitologia gnóstica.”²⁶ Blank, porém, mostra no seu artigo claramente, que São João se interessa muito mais na verdade do que na mentira. Da mentira ou do mentiroso fala somente em Jo 8, 44.55. Ele dá, por isso, o seguinte conselho: “Não se pode recomendar começar a interpretação a partir do dualismo.”²⁷ Também não podemos concordar com a opinião de Bultmann, quando ele quer interpretar a “verdade” e a “revelação” como verdadeiras possibilidades da existência humana.”²⁸ Com isto ele acentua demais a importância do homem que recebe a revelação.

Muito importante é a seguinte observação: no evangelho de São João ἀλήθεια aparece somente no singular. Trata-se, portanto, não de alguma verdade entre outras possíveis, trata-se da verdade como tal, da verdade por excelência. Para dar testemunho desta verdade Jesus veio ao mundo. Nele encontramos a plenitude da verdade, i.é., a plenitude da revelação de Deus. Jesus é testemunha disso, porque Ele mesmo é cheio de graça e de verdade.

1. Jesus cheio de graça e de verdade

Começamos as nossas considerações com Jo 1, 14: Καὶ ὁ λόγος σὰρξ ἐγένετο καὶ ἐσκήνωσεν ἐν ἡμῖν, καὶ ἐθεασάμεθα τὴν δόξαν αὐτοῦ, δόξαν ὡς μονογενοῦς παρὰ πατρός, πλήρης χάριτος καὶ ἀληθείας. Em Jesus se torna visível a glória (δόξα), que Ele recebeu do Pai (παρὰ πατρός). Esta sua glória é πλήρης χάριτος καὶ ἀληθείας. Segundo I. de la Potterie, encontramos aqui a forma estilística que se chama “hendiadys”.²⁹ Por isso, ele propõe a tradução: “cheio da graça da verdade”.³⁰ Segundo São João Jesus trouxe aos homens na sua encarnação um só dom: a graça da verdade. Jesus, o verbo encarnado, é a revelação perfeita do Pai. O que é “a graça da verdade”, São João nos explica em 1, 18: “Ninguém jamais viu Deus. O Filho único, que está no seio do Pai, foi quem O revelou (ἐκεῖνος ἐξηγήσατο)”. Jesus que está sempre no seio do Pai, que vive totalmente para o Pai e por meio do Pai, Ele nos revela o Pai:

²⁶ *Ibidem*, 246.

²⁷ J. BLANK, *Der johanneische Wahrheits-Begriff*, 165.

²⁸ Cf. R. BULTMANN, *ἀλήθεια*, em: *ThWNT I*, 245.

²⁹ Hendiadys: uma coisa só que se exprime com duas palavras.

³⁰ Cf. I. de LA POTTERIE, *La Passione di Gesù secondo il vangelo di Giovanni*, 81.

“Aquele que Me viu, viu também o Pai” (*Jo* 14, 9). Esta é a revelação, a verdade, que o Filho traz: o mistério da salvação que é eficaz em Jesus, o Filho do Pai: “Mas a todos aqueles que O receberam, aos que crêem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus” (*Jo* 1, 12). Esta é a sua missão no mundo: “É para dar testemunho da verdade que nasci e vim ao mundo. Todo o que é da verdade ouve a minha voz” (*Jo* 18, 37).

Nem todos os autores aceitam esta interpretação de I. de la Potterie. R. Puigdollers, no seu artigo, faz a tentativa de dividir as opiniões diferentes em dois grupos para refutar a opinião de I. de la Potterie.³¹ Protagonista da maioria dos autores é Bultmann, em oposição a I. de la Potterie com um grupo menor de autores que seguem a sua opinião. Não é a finalidade deste trabalho comparar e avaliar as duas posições. Achamos que os argumentos de I. de la Potterie são válidos e por isso seguimos o caminho dele. Podemos apoiar-nos também em Blank que, embora não use as palavras de Potterie, encontra o mesmo resultado.

Em primeiro lugar, ele acentua o sentido cristológico da verdade em São João. Ele afirma que podemos encontrar a verdade da revelação em São João somente na pessoa de Jesus que é a verdade (cf. *Jo* 14, 6). “Sem este fundo pessoal não podemos compreender a verdade em São João.”³²

Já vimos, quando tratamos Jesus como testemunha, que o conteúdo do testemunho se refere quase sempre à pessoa de Jesus. A resposta a este testemunho não pode ser uma qualquer. Jesus diz claramente o que Ele quer: “É para dar testemunho da verdade que nasci e vim ao mundo. Todo o que é da verdade ouve a minha voz” (*Jo* 18, 37). É decisivo ouvir a voz de Jesus e crer n’Ele, que Ele é o Filho de Deus, o Messias, o Salvador do mundo.

Blank continua a mostrar na sua explicação que não se pode compreender a pessoa de Jesus sem a sua relação ao Pai.³³ Para compreender Jesus – enquanto isto é possível – deve-se também compreender o Pai. Sem esta relação íntima não se pode compreender nem o Pai nem o Filho. Jesus mesmo diz: “Mas, agora, procurais tirar-Me a vida, a mim que vos falei a verdade que ouvi de Deus!” (*Jo* 8, 40).

³¹ Cf. R. PUIGDOLLERS, *La “verdad” en el cuarto evangelio*.

³² J. BLANK, *Der johanneische Wahrheits-Begriff*, 167.

³³ *Ibidem*, 167-168.

A verdade que Jesus ouviu do Pai encontramos em Jesus. Nele se realiza a transição da verdade eterna, divina para a história, para o ser humano. Jesus não somente traz a verdade que o Pai dá ao mundo, para o salvar, mas Ele mesmo é a verdade. Mas a salvação não se pode realizar automaticamente, ela exige e pressupõe a fé. Quem pratica a verdade (cf. *Jo* 3, 21), adquire a verdade divina. Deste modo a verdade se torna cada vez mais a “sua” e ele é “da verdade”. Assim ele também poderá receber as conseqüências salvíficas da verdade na sua vida.³⁴

Apoiando-nos nestes pensamentos podemos traduzir πλήρης χάριτος καὶ ἀληθείας com “cheio da graça da verdade”. Isto confirma a palavra de Jesus: “É para dar testemunho da verdade que nasci e vim ao mundo. Todo o que é da verdade ouve a minha voz” (*Jo* 18, 37).

2. Jesus, o caminho, a verdade e a vida

Jesus é cheio da graça da verdade, i.é., cheio da revelação divina. Ele nasceu e veio ao mundo para dar testemunho da verdade (cf. *Jo* 18, 37). Ao dizer: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” (*Jo* 14, 6), Jesus dá testemunho da verdade.

Segundo o contexto de 14, 2-6 vemos que o acento de 14, 6 está no primeiro elemento: “Eu sou o caminho”. “Verdade e vida” são um adjunto e uma explicação do caminho. Isto é o resultado da seguinte consideração: Jesus fala aos seus discípulos das moradas que Ele quer preparar para eles: “Na casa de meu Pai há muitas moradas. Não fora assim, e Eu vos teria dito; pois vou preparar-vos um lugar” (*Jo* 14, 2). Jesus está lá, por isso Ele quer, que os seus discípulos estejam onde Ele está (cf. *Jo* 14, 3). Como Deus precedeu ao seu povo no Antigo Testamento para procurar-lhe um lugar para o acampamento (cf. *Dt* 1, 29-33), assim Jesus vai à frente para preparar aos seus discípulos um lugar na casa do seu Pai. O centro dos versículos 2 e 3 é a casa do Pai com as suas moradas. No versículo 4 Jesus começa orientar a atenção para o caminho: “E vós conheceis o caminho para ir aonde vou”. A ignorância dos discípulos no que se refere ao lugar e ao caminho leva, enfim, à explicação de Jesus: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” (*Jo* 14, 6). Assim compreendemos que nesta palavra de Jesus o acento está em “Eu sou o caminho”.

³⁴ Cf. *ibidem*, 170.

A estrutura do versículo confirma este pensamento. O texto salienta duas vezes a importância de Jesus para os seus discípulos: Ele é o caminho: Εγώ ειμι ἡ ὁδός, e somente porque Ele se vai ao Pai: εἰ μὴ δι' ἐμοῦ. Jesus é o único caminho, fora d'Ele não existe outro que leva ao Pai.

Vemos, então, que ἡ ἀλήθεια καὶ ἡ ζωὴ é uma explicação da imagem do caminho. O primeiro καὶ (ἡ ὁδὸς καὶ ἡ ἀλήθεια καὶ ἡ ζωὴ) pode-se compreender como uma cópula epexegetica e, por isso, não é necessário traduzi-la.³⁵ De la Potterie dá a seguinte explicação:

O versículo não significa que Jesus é um caminho para a verdade; o sentido deve ser que Jesus é o caminho para o Pai, e isto exatamente porque Ele é a verdade e a vida; ἀλήθεια e ζωὴ servem para explicar a sua função de medianeiro: Jesus, o caminho, pode conduzir-nos ao Pai, precisamente porque Ele é a verdade e a vida.³⁶

Devemos considerar também os versículos seguintes. Neste trecho de 14, 2-11 o versículo 6 está no centro como elo de união entre os versículos 2-6 e 6-11. É bem evidente que o versículo 6 começa um novo pensamento. 2-5 se dirige ao futuro, no versículo 6 Jesus começa a falar da realidade presente. É muito importante ver esta diferença para não pensar que Jesus talvez será o caminho ao Pai depois da morte dos discípulos. Que este não é o sentido mostram os versículos 7-11. No versículo 6 Jesus fala no presente: “Eu sou o caminho”, e também depois ele continua no presente. Jesus é o caminho ao Pai já agora, porque: “Aquele que Me viu, viu também o Pai” (Jo 14, 9). Isto vale já agora: “Se Me conhecêsseis, também certamente conheceríeis meu Pai; desde agora já O conheceis, pois O tendes visto” (Jo 14, 7). Pois Jesus é um com o Pai já agora: “Não credes que estou no Pai, e que o Pai está em mim? As palavras que vos digo não as digo de mim mesmo; mas o Pai, que permanece em mim, é que realiza as suas próprias obras” (Jo 14, 10). Vemos que quem conhece Jesus conhece também o Pai. Jesus, ao chamar-se a si mesmo “caminho, verdade e vida” mostra-nos que Ele nos conduz ao Pai revelando-nos o Pai e comunicando-nos a sua vida divina. Ou com as palavras de I. de la Potterie: “Jesus é ‘a verdade’ porque Ele é já agora a revelação do Pai; Ele é a ‘vida’ porque já agora oferece aos fiéis a vida do Pai”³⁷. Jesus é, portanto, o enviado do Pai que nos traz a revelação e

³⁵ Cf. BLASS-DEBRUNNER, *Grammatik des neutestamentlichen Griechisch*, § 442, 9b.

³⁶ I. de LA POTTERIE, *Io sono la via, la verità e la vita*, 132.

³⁷ *Ibidem*, 142.

a redenção; por meio da revelação nos leva à salvação eterna. Mas esta salvação não fica reservada para o tempo depois da morte, ela já começa agora, porque Jesus nos comunica já agora a vida divina do Pai. Pelo encontro pessoal com Jesus podemos possuir a vida divina já agora: “Aquele que crê no Filho tem a vida eterna; quem não crê no Filho não verá a vida, mas sobre ele pesa a ira de Deus” (*Jo* 3, 36).

Qual é a relação entre verdade e vida? Elas são somente um adjunto e uma explicação da imagem do “caminho” ou elas têm também uma relação recíproca? A maioria dos autores vêem em “verdade e vida” somente um adjunto a “caminho” e não consideram a pergunta da relação recíproca entre as duas. De la Potterie sugere uma subordinação de verdade em relação a vida e recomenda a seguinte tradução: “Eu sou o caminho, porque sou a verdade e, portanto, também a vida”³⁸.

De fato, no evangelho de São João encontramos freqüentemente a palavra de Jesus (como sinônimo de verdade) ou a fé n’Ele e na sua palavra, como meio de comunicação da vida divina (cf. 3, 36). “Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que Me enviou tem a vida eterna e não incorre na condenação, mas passou da morte para a vida” (*Jo* 5, 24). As palavras de Jesus são cheias de espírito e vida (cf. *Jo* 6, 63; 6, 68). O seu mandamento é vida eterna (cf. *Jo* 12, 50), que consiste no conhecimento de Deus: “Ora, a vida eterna consiste em que conheçam a Ti, um só Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo que enviaste” (*Jo* 17, 3). Em Jesus, que está cheio da graça da verdade (cf. *Jo* 1, 14) encontra-se também a vida (cf. *Jo* 1, 4), para comunicá-la aos homens: “Eu vim para que tenham vida e para que a tenham em abundância” (*Jo* 10, 10). Da mesma maneira mostram-nos os dois conceitos “verdade” e “vida” em 14, 60, o modo como podemos ir ao Pai. Podemos imaginar que Jesus nos comunica a vida do Pai por meio do dom da verdade. Assim compreendemos que o conceito “vida” explica diretamente o conceito “caminho”. O conceito “verdade” mostra-nos o meio, pelo qual recebemos a vida do Pai: na verdade revelada do Filho nos é dado a vida do Pai. De la Potterie explica neste contexto: “O significado teológico da metáfora do caminho é bem claro: ‘ir’ ao Pai – através daquele ‘caminho’ que é Jesus – significa tornar-se, graças à sua ‘verdade’, participante da própria ‘vida’ do Pai”³⁹.

³⁸ *Ibidem*, 142.

³⁹ *Ibidem*, 143.

Nesta explicação devemos considerar que Jesus se identifica totalmente com a verdade. Ele diz bem claramente: *Εγώ ειμι η ἀλήθεια*. Ele não é somente um dos profetas que anuncia a verdade, Ele mesmo é a revelação por excelência. Na sua pessoa temos a plenitude da revelação.

Isto confirma a nossa interpretação de 1, 14. Jesus é cheio “da graça da verdade”. Nele concentra-se a revelação divina. Por isso vemos na sua revelação não somente o Pai, vemos também o Filho como também as relações entre Pai e Filho. Isto vemos bem nos versículos 7-11 do capítulo 14. Somente pelo conhecimento do Filho alcançamos o conhecimento do Pai: “Se Me conhecêsseis, também certamente conheceríeis meu Pai; desde agora já O conheceis, pois O tendes visto” (*Jo 14, 7*). Filipe não compreende isto: ele quer ver o Pai com os seus próprios olhos: “Disse-Lhe Filipe: Senhor, mostra-nos o Pai e isso nos basta” (*Jo 14, 8*). Jesus, pois, explica o seu pensamento mais uma vez: Porque o Pai está em Jesus, pode-se vê-l’O através de Jesus (cf. *Jo 14, 9-11*).

O tema destes versículos é bem claro: o conhecimento do Filho leva ao conhecimento do Pai, porque o Pai e o Filho vivem em íntima comunhão de vida. Porém, para poder ver o Pai por meio do Filho é preciso ter fé. Com os olhos do corpo não se pode ver n’Ele nem o Filho e nem o Pai. Este é o testemunho de Jesus. A sua vida inteira é revelação da sua relação ao Pai e, portanto, revelação da palavra: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por Mim” (*Jo 14, 6*).

3. Jesus, a luz do mundo

Mais uma palavra de revelação, importante no nosso contexto, é a palavra de Jesus “luz do mundo”. São João Batista dá testemunho pela sua vida e pela sua palavra: “Este veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por meio dele. Não era ele a luz, mas veio para dar testemunho da luz” (*Jo 1, 7-8*). Jesus, o testemunha da verdade (cf. *Jo 18, 37*), veio como luz do mundo: “Ele era a verdadeira luz que, vindo ao mundo, ilumina todo homem” (*Jo 1, 9*). Jesus diz sobre si mesmo: “Eu sou a luz do mundo; aquele que Me segue não andaré em trevas, mas terá a luz da vida” (*Jo 8, 12*). Ele brilha diante dos Seus, por isso, Ele é “o caminho, a verdade e a vida” (*Jo 14, 6*). Enquanto Jesus está no mundo, Ele cumpre a sua missão de ser luz para o mundo (cf. *Jo 9, 5*). Pela cura do cego de nascença Jesus mostra simbolicamente que Ele quer ser a luz para o mundo, para conduzir todos à luz da fé (cf. *Jo 9, 39*). Este episódio é muito significativo no nosso contexto. O curado é modelo para nós: ele se torna fiel e procura seguir Jesus. Mas ele nos

mostra também o ponto central da fé: crer na pessoa de Jesus: “Jesus soube que o tinham expulsado e, havendo-o encontrado, perguntou-lhe: Crês no Filho do Homem? Respondeu ele: Quem é ele, Senhor, para que eu creia n’Ele?” (Jo 9, 35-36). Por causa desta fé Jesus se revela a ele e o curado faz o ato de fé: “Disse-lhe Jesus: Tu O vês, é o mesmo que fala contigo! Creio, Senhor, disse ele. E, prostrando-se, O adorou” (Jo 9, 37-38).

Nesta passagem fica bem claro o objeto da revelação de Jesus: o mistério da sua pessoa. Este mistério é a sua filiação divina para salvar os homens: “Pois Deus não enviou o Filho ao mundo para condená-lo, mas para que o mundo seja salvo por Ele” (Jo 3, 17). No fim da sua vida Jesus declara solenemente: “Eu vim como luz ao mundo; assim, todo aquele que crer em mim não ficará nas trevas” (Jo 12, 46). O Pai e o Filho são um. Se Jesus exige aqui a fé na sua pessoa, Ele exige ao mesmo tempo a fé no Pai: “Jesus exclamou em voz alta: Aquele que crê em mim, crê não em mim, mas naquele que Me enviou; e aquele que Me vê, vê aquele que Me enviou” (Jo 12, 44-45).

Vemos como estes pensamentos continuam harmoniosamente os nossos pensamentos anteriores formando uma unidade com as nossas considerações sobre a realeza de Jesus. Encontramos sempre de novo Jesus no centro da revelação, pois: “Nele havia a vida, e a vida era a luz dos homens” (Jo 1, 4).

4. Jesus, a palavra

No contexto do tema da revelação devemos ainda examinar o meio pelo qual Jesus nos comunica a sua revelação: “Ninguém jamais viu Deus. O Filho único, que está no seio do Pai, foi quem O revelou” (Jo 1, 18). Jesus nos revela o Pai por meio de sua palavra. Ele fala muitas vezes da “sua palavra”: “Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que Me enviou tem a vida eterna e não incorre na condenação, mas passou da morte para a vida” (Jo 5, 24). Os judeus não querem aceitar a “sua palavra”: “Bem sei que sois a raça de Abraão; mas quereis matar-Me, porque a minha palavra não penetra em vós” (Jo 8, 37). Eles não são capazes de escutar a “sua palavra”, por isso não podem compreendê-lo (cf. Jo 8, 43). A causa da incapacidade de escutar e cumprir a palavra de Jesus é a falta de amor a ele: “Se alguém Me ama, guardará a minha palavra e meu Pai o amará, e nós viremos a ele e nele faremos nossa morada” (Jo 14, 23). Crer n’Ele significa permanecer na sua palavra: “Se permanecerdes na minha palavra, sereis meus verdadeiros discí-

pulos; conhecereis a verdade e a verdade vos livrará” (*Jo* 8, 31-32). Desta forma se torna seu discípulo e reconhece a sua verdade, i.é., o mistério da sua pessoa. Quem não crê n’Ele rejeita a verdade e, por conseguinte, rejeita também a pessoa de Jesus: “Mas Eu, porque vos digo a verdade, não Me credes” (*Jo* 8, 45). Todavia, Jesus é o único caminho para a vida: “Em verdade, em verdade vos digo: se alguém guardar a minha palavra, não verá jamais a morte” (*Jo* 8, 51).

Jesus se identifica a si próprio com a verdade que liberta: “Se, portanto, o Filho vos libertar, sereis verdadeiramente livres” (*Jo* 8, 36). O que poderia ser esta liberdade a não ser a possibilidade de ter comunhão com Ele e participar na vida divina?

Jesus não pronuncia somente as “suas palavras”, mas também as palavras do Pai. Na oração sacerdotal Ele diz a seu Pai: “Manifestei o teu nome aos homens que do mundo Me deste. Eram teus e deste-mos e guardaram a tua palavra” (*Jo* 17, 6). Jesus oferece aos homens a palavra do Pai: “Dei-lhes a tua palavra” (*Jo* 17, 14), que é a palavra da verdade: “A tua palavra é a verdade” (*Jo* 17, 17).

Outros textos mostram-nos a unidade entre a palavra do Pai e a do Filho: “Em verdade, não falei por Mim mesmo, mas o Pai, que Me enviou, Ele mesmo Me prescreveu o que devo dizer e o que devo ensinar. E sei que o seu mandamento é vida eterna. Portanto, o que digo, digo-o segundo Me falou o Pai” (*Jo* 12, 49-50). Jesus recebeu tudo do Pai, também a sua doutrina e as suas palavras (cf. *Jo* 7, 16; 14, 24). A palavra de Jesus não é outra coisa senão a palavra do Pai: como Ele a recebeu do Pai, Ele também a comunica aos outros. Na palavra de Jesus revela-se, portanto, o Pai, do qual vem a palavra, e o Filho que comunica a palavra e se identifica com esta palavra.

Jesus não somente anuncia a palavra, Ele próprio é a palavra. Isto fica bem claro no prólogo de São João. Sem entrar na discussão de onde ele tirou esta idéia do *λόγος*, é suficiente, no nosso contexto, indicar que o fundamento dela é provavelmente a literatura sapiencial e a reflexão primitiva dos cristãos sobre a “palavra” de Jesus.⁴⁰

O título *λόγος* apresenta Jesus como o revelador do Pai.⁴¹ Além disso, a maneira como São João usa este título, revela a relação entre Pai e Fi-

⁴⁰ Cf. I. de LA POTTERIE, *Cristo centro della forma della rivelazione*, 273.

⁴¹ Cf. *Ibidem*.

lho. As preposições que João usa neste contexto revelam-nos a vida entre Pai e Filho. João diz: ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ λόγος, καὶ ὁ λόγος ἦν πρὸς τὸν θεόν (Jo 1, 1). De maneira semelhante em 1, 18: μονογενῆς θεὸς ὁ ὢν εἰς τὸν κόλπον τοῦ πατρὸς. Ambas as preposições (πρὸς - εἰς) exprimem um movimento, uma direção ou uma relação.⁴² Isto nos deixa ver a relação interna entre Pai e Filho. Isto também é importante para as nossas considerações sobre a revelação, porque confirma as palavras de Jesus que Ele recebeu tudo do Pai e não faz nada sem Ele, como p.ex.: “Aquele que não Me ama não guarda as minhas palavras. A palavra que tendes ouvido não é minha, mas sim do Pai que Me enviou” (Jo 14, 24). À pergunta de onde João recebeu estas expressões, de la Potterie dá a seguinte resposta:

Estes aspectos estranhos são o resultado de uma experiência do evangelista, o ponto de chegada de uma longa reflexão sobre o mistério de Jesus. O que tocou o discípulo amado era o fato que Jesus falava sempre do Pai: Ele era o enviado do Pai, veio de junto do Pai, cumpria sempre a vontade do Pai, disse somente o que tinha ouvido do Pai, estava sempre no Pai, voltava para o Pai ... Ele, o Filho, falava sempre do Pai, o seu pensamento estava sempre orientado para o Pai. Tentando resumir numa fórmula bastante densa aquilo que o tocava em Jesus, João o define como “a Palavra voltada para Deus”, “o Filho Unigênito no seio do Pai”. No homem Jesus, João percebeu o mistério da pessoa d’Ele; do nível da experiência humana ele se elevou assim ao plano transcendente da vida em Deus. Ele descobriu no homem Jesus progressivamente a vida do Filho de Deus e aquilo que constituiu o seu segredo: a relação com o Pai.⁴³

Isto também é importante para as nossas meditações sobre a revelação. Temos visto como Jesus revela o mistério da sua pessoa, que inclui tanto o aspecto da vida intradivina, a sua relação com o Pai, como também o aspecto da sua missão para o mundo, para salvar o mundo. Ambos os aspetos são unidos porque a finalidade da sua missão para o mundo é fazer-nos participar na sua vida com o Pai. Este é o testemunho no qual Ele nos convida a ouvir a sua voz e a sua palavra. Antes de terminar este capítulo com a meditação sobre Jesus, a plenitude da revelação, devemos ainda considerar a possibilidade de acolher a palavra de Jesus e conservá-la. “Todo o que é da verdade ouve a minha voz” (Jo 18, 37). Fazer-nos ouvir e conservar a palavra de Jesus é tarefa do espírito da verdade.

⁴² Cf. W. BAUER, *Wörterbuch zum Neuen Testament*, 1421; 459.

⁴³ I. de LA POTTERIE, *Cristo centro della forma della rivelazione*, 273-274.

5. Jesus e o Espírito da verdade

Jesus é a verdade. Na sua pessoa, na sua palavra e na sua obra está contida a revelação toda. O homem deve agora acolher esta verdade, senão ela não tem nenhum sentido. É tarefa do Espírito Santo, do Espírito da verdade.

A relação entre Jesus e o Espírito Santo se revela em *Jo* 1, 32: “João havia declarado: Vi o Espírito descer do céu em forma de uma pomba e repousar sobre Ele”. Nos evangelhos sinóticos é dito que Jesus foi conduzido pelo Espírito Santo (cf. *Mc* 1, 12) e repleto do Espírito Santo (cf. *Lc* 4, 1). João vê o Espírito descer sobre Jesus e permanecer n’Ele. Podemos dizer que o Espírito está presente em Jesus, porque Ele O possui como sua propriedade e numa plenitude única.

Jesus comunica o Espírito pela sua palavra: “Com efeito, aquele que Deus enviou fala a linguagem de Deus, porque Ele concede o Espírito sem medidas” (*Jo* 3, 34). Sujeito da frase “Ele concede o Espírito” é “aquele que Deus enviou”, i.é., Jesus, não o Pai. Nem todos os autores aceitam esta tradução. De la Potterie prefere esta tradução porque no evangelho de São João nunca é dito que o Pai dá o Espírito a Jesus.⁴⁴ Jesus mesmo pode comunicar o Espírito, porque Ele pode dar da sua plenitude (cf. *Jo* 1, 16). Jesus pode dá-l’O sem medida, porque Ele O possui plenamente.

Podemos, então, interrogar-nos: como Jesus comunica o Espírito? Devemos prestar atenção à ligação causal entre as duas partes do versículo: “Com efeito, aquele que Deus enviou fala a linguagem de Deus, porque Ele concede o Espírito sem medida” (*Jo* 3, 34): isto significa que as palavras de Jesus são as palavras de Deus exatamente porque Ele comunica o Espírito na sua palavra.⁴⁵ Contudo é necessário que alguém acolha o seu testemunho: “Ele testemunha as coisas que viu e ouviu, mas ninguém recebe o seu testemunho” (*Jo* 3, 32). O acolhimento fiel da palavra de Jesus é necessário, senão o Espírito não pode agir (cf. *Jo* 8, 37).

Jesus é o revelador e testemunha de tudo aquilo que Ele viu e ouviu (cf. *Jo* 3, 32). O que é que Jesus viu e ouviu? Ele nos dá a resposta em 3, 35: “O Pai ama o Filho e confiou-Lhe todas as coisas”. S. Agostinho faz um comentário muito lindo sobre esta passagem explicando-nos o mistério de Deus:

⁴⁴ Cf. I. de LA POTTERIE, *Gesù e lo Spirito*, 283.

⁴⁵ Cf. *Ibidem*.

Escuta o que segue, o que Ele disse do Filho: “Com efeito, aquele que Deus enviou fala a linguagem de Deus, porque ele concede o Espírito sem medidas. O Pai ama o Filho e confiou-Lhe todas as coisas”. Ele disse: “Confiou-lhe todas as coisas”, a fim de que tu possas reconhecer com que distinção foi dito: “O Pai ama o Filho” Porque? O Pai, porventura, não ama João? Todavia, Ele não confiou todas as coisas a João. ... “O Pai ama o Filho”, mas o Pai ama o Filho, não como o Senhor o servo; como o primogênito, não como o filho adotivo. Por isso, Ele confiou-Lhe todas as coisas. O que significa “todas as coisas”? A fim de que o Filho seja tão grande como o Pai, o Pai gera o Filho, por isso o Filho é igual ao Pai; por isso para o Filho não é uma usurpação ser igual ao Pai. ... O Pai se dignou enviar-nos o Filho. Não pensemos que Ele nos enviou alguma coisa inferior a Ele mesmo. Enviando-nos o Filho, o Pai enviou o seu segundo “Eu”.⁴⁶

A revelação do amor do Pai na palavra do Filho que nos comunica o Espírito Santo tem claramente uma estrutura trinitária.

Jesus comunica, então, o Espírito com a sua palavra. Por isso, Jesus insiste no nosso texto, que se escute a sua voz. Somente quando acolhemos a palavra de Jesus em nós, podemos também acolher o Espírito de Jesus, o Espírito Santo. A palavra de Jesus como tal não desperta a fé. Vemos na vida de Jesus que a sua palavra causa muitas vezes incompreensão e resistência (cf. *Jo* 6, 60.61). O que importa é encontrar o Espírito Santo nas palavras de Jesus, porque “O espírito é que vivifica, a carne de nada serve. As palavras que vos tenho dito são espírito e vida” (*Jo* 6, 63). A eficácia do Espírito Santo está subordinada à palavra de Jesus. Isto podemos deduzir de *Jo* 6, 68: “Respondeu-Lhe Simão Pedro: Senhor, a quem iríamos nós? Tu tens as palavras da vida eterna”. Aqui aparece somente a palavra de Jesus como fonte da vida eterna.

Na palavra de Jesus atua o Espírito Santo. Durante a vida pública de Jesus o Espírito Santo ficou muitas vezes não compreendido, porque os discípulos receberam a plenitude do Espírito somente depois da Páscoa (cf. *Jo* 7, 39). Os discípulos conheceram o Espírito Santo porque já estava com eles (cf. *Jo* 14, 17b) e estava em Jesus (cf. *Jo* 1, 32). Mas “neles” Ele estará somente mais tarde. “É o Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, porque não O vê nem O conhece, mas vós O conhecereis, porque permanecerá convosco e estará em vós” (*Jo* 14, 17).⁴⁷

⁴⁶ AUGUSTINUS, *Tract. in Jo.*, 14, 11, 249.

⁴⁷ Cf. I. de LA POTTERIE, *Gesù e lo Spirito*, 284.

Vemos, então, que não somente importa ouvir a voz de Jesus, mas também é necessário acolher a palavra d'Ele em nós, a fim de que o Espírito da verdade possa atuar em nós. E então Ele nos ensinará tudo e nos recordará tudo o que Jesus nos tem ensinado (cf. *Jo* 14, 26) e, enfim, Ele nos introduzirá em toda a verdade (cf. *Jo* 16, 13). Desta maneira também o Espírito Santo se torna testemunha da verdade como Jesus é testemunha da verdade (cf. *Jo* 15, 26).

São João exprime esta atitude de acolher com o verbo λαμβάνειν. Esta palavra significa “acolher na formação da própria personalidade espiritual-religiosa”.⁴⁸ Objeto deste acolhimento é o testemunho de Jesus (*Jo* 3, 11.32.33), as suas palavras (*Jo* 12, 48; 17, 8), e, enfim, o próprio Jesus (*Jo* 1, 12; 5, 43; 13, 20). Não se trata de um acolhimento puramente passivo, porque exige também a própria colaboração. As pessoas são convidadas a “ver” os sinais e as obras de Jesus e a “escutar” as suas palavras. Ambas são atividades humanas. Através do “ver” elas são conduzidas para a fé: “Esta é a vontade de meu Pai: que todo aquele que vê o Filho e n'Ele crê, tenha a vida eterna; e Eu o ressuscitarei no último dia” (*Jo* 6, 40). Quem vê Jesus é introduzido no mistério da sua pessoa: “aquele que Me vê, vê aquele que Me enviou” (*Jo* 12, 45). Por isso, Jesus repreende Filipe: “Há tanto tempo que estou convosco e não Me conhecestes, Filipe! Aquele que Me viu, viu também o Pai. Como, pois, dizes: Mostranos o Pai” (*Jo* 14, 9). Mas ver, somente, ainda não é suficiente. Somente pelo “ouvir da palavra” alcançamos a plena compreensão da revelação: “Está escrito nos profetas: *Todos serão ensinados por Deus* (*Is* 54, 13). Assim, todo aquele que ouviu o Pai e foi por Ele instruído vem a Mim” (*Jo* 6, 45).

Por meio destas duas atitudes fundamentais as pessoas se abrem para a revelação que Jesus anuncia: “Mas, agora, procurais tirar-Me a vida, a mim que vos falei a verdade que ouvi de Deus! Isso Abraão não o fez” (*Jo* 8, 40). Jesus é a verdade (cf. *Jo* 14, 6), por meio d'Ele, ela chegou ao mundo: “Pois a lei foi dada por Moisés, a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo” (*Jo* 1, 17). O trabalho de “adquirir a verdade” João chama “praticar a verdade”: “Mas aquele que pratica a verdade, vem para a luz. Torna-se assim claro que as suas obras são feitas em Deus” (*Jo* 3, 21). Quem se esforça para fazer isto chega à fé como os apóstolos: “E nós cremos e sabemos que Tu és o Santo de Deus!” (*Jo* 6, 69).

⁴⁸ G. DELLING, λαμβάνω, em: *ThWNT* IV, 6.

Quem chegou a esta fé deve permanecer na palavra de Jesus (cf. *Jo* 8, 31) e viver de uma maneira que as palavras permaneçam nele (cf. *Jo* 15, 7). Desta forma o homem se torna verdadeiramente discípulo de Jesus (cf. *Jo* 8, 31; 15, 8), que conhece a verdade: “conhecereis a verdade e a verdade vos livrará” (*Jo* 8, 32).

Jesus, provavelmente, pensa nisto, quando fala daqueles, que “são da verdade” (*Jo* 18, 37). Deste modo o Espírito Santo, o Espírito da verdade, pode desenvolver toda a sua eficácia na pessoa e introduzi-la em toda a verdade, i.é., em toda a revelação que atua naquele que renasceu da água e do Espírito (cf. *Jo* 3, 6-8). Assim a revelação encontra o seu pleno cumprimento, quando os filhos de Deus participam na comunhão de vida do Pai e do Filho.

6. Jesus, a plenitude da revelação

No último ponto da nossa pesquisa sobre “Jesus como verdade” trataremos Jesus como “plenitude da revelação”. O tema da revelação se encontra no evangelho inteiro de São João. Escolhemos somente alguns dos muitos textos para mostrar a ligação entre a realeza de Jesus e a verdade. Temos visto que a realeza de Jesus se concentra na pessoa de Jesus. Vimos também que Jesus se identifica com a verdade. Verdade significa em João a revelação. Jesus se identifica, então, com a revelação, porque Ele é a plenitude da revelação. Para isto é que Ele chegou ao mundo, para dar testemunho disto (cf. *Jo* 18, 37).

a) Jesus e o Antigo Testamento

Em Jesus se completa a revelação que o povo eleito recebeu no decorrer da sua história. Quando os judeus acusam Jesus: “És acaso maior do que nosso pai Abraão? E, entretanto, ele morreu... e os profetas também. Quem pretendes ser?” (*Jo* 8, 53), Ele responde: “Abraão, vosso pai, exultou com o pensamento de ver o meu dia. Viu-o e ficou cheio de alegria. ... Em verdade, em verdade vos digo: antes que Abraão fosse, Eu sou” (*Jo* 8, 56.58). Com isto Jesus mostra claramente que a promessa que Abraão tinha recebido foi totalmente orientada para Jesus. Ela encontrou, portanto, em Jesus, a sua perfeição.

Jesus é também maior do que o pai Jacó. “És, porventura, maior do que o nosso pai Jacó, que nos deu este poço, do qual ele mesmo bebeu e também os seus filhos e os seus rebanhos?” (*Jo* 4, 12). Jesus leva a religião dos patriarcas à sua consumação: “Nossos pais adoraram neste monte,

mas vós dizeis que é em Jerusalém que se deve adorar” (*Jo* 4, 20). Com Jesus começa a verdadeira adoração no Espírito e na verdade (cf. *Jo* 4, 23-24).

Jesus é maior do que Moisés. O que encontramos em *Jo* 1, 17, voltará durante o evangelho: “Pois a lei foi dada por Moisés, a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo”. Não se trata de uma oposição entre Moisés e Jesus, mas antes, de um complemento harmonioso e da consumação. A segunda graça prolonga e aperfeiçoa a primeira. Também a lei de Moisés era uma graça; a graça da verdade, porém, que Jesus nos trouxe, ultrapassa a graça da lei. Sim, esta graça é a graça por excelência; a lei serviu somente como preparação para esta graça.

Quanto Jesus ultrapassa Moisés vemos bem claro no milagre da multiplicação dos pães em *Jo* 6, 10-13. O milagre de Moisés se realiza no deserto, ao passo que o milagre de Jesus se realiza num lugar com muita relva (6, 10). Moisés não sabe, de onde tirar a carne (cf. *Nm* 11, 13). Jesus, ao contrário sabe muito bem o que queria fazer: “Falava assim para o experimentar, pois bem sabia o que havia de fazer” (*Jo* 6, 6). Moisés ordenou ao povo de não conservar nada até o próximo dia (*Ex* 16, 19), enquanto Jesus disse aos seus discípulos: “Recolhei os pedaços que sobram, para que nada se perca” e encheram doze cestos com os restos (cf. *Jo* 6, 13).

Como este milagre de Jesus ultrapassa o milagre de Moisés, ultrapassa também o milagre do profeta Eliseu (*2 Rs* 4, 42-43). Eliseu saciou cem homens com 20 pães, Jesus, porém, 5000 com cinco pães. Eliseu pede a outros para distribuir o pão enquanto Jesus mesmo distribuiu o pão às pessoas (6, 11). Eliseu fez o milagre para cumprir uma palavra de JHWH. Jesus faz o milagre por iniciativa própria (6, 5.11). Todos estes pensamentos nos levam ao seguinte resultado:

Da soma de todos estes dados recolhidos, da apresentação de Jesus e da revelação da sua figura pode-se dizer muito bem que a primeira finalidade do relato joaneu não é tanto de descrever o fato de Jesus ter saciado a fome da multidão quanto revelar Jesus como o profeta, como o rei messiânico que supera as figuras proféticas do Antigo Testamento. Com toda razão o evangelista chama o acontecimento “sinal”, já que a realidade externa visível está cheia de significado cristológico.⁴⁹

⁴⁹ J. CABA, *Cristo, pan de vida*, 138-139.

O que temos dito de Moisés e Eliseu vale também para os outros profetas. Está bem claro: Jesus é aquele, “de quem Moisés escreveu na lei e que os profetas anunciaram” (*Jo* 1, 45), i.é., Jesus é o Messias. Podemos, então, resumir este ponto dizendo que a revelação do Antigo Testamento anuncia e prepara a revelação definitiva em Jesus. Em Jesus ela encontrou a sua consumação.

b) Jesus, a revelação para todos os homens

Jesus é a revelação para todos os homens. Isto vemos na palavra do prólogo do evangelho de São João: “Todos nós recebemos da sua plenitude de graça sobre graça. Pois a lei foi dada por Moisés, a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo” (*Jo* 1, 16-17). Se nós encontramos em Jesus a plenitude da revelação, esta revelação vale para todos os homens, não somente para o povo de Israel. Esta universalidade da revelação queremos contemplar neste ponto.

Desde o início do seu evangelho João sublinha a universalidade da missão de Jesus: “Nele havia a vida, e a vida era a luz dos homens” (*Jo* 1, 4). A vida se tornou visível para os homens, não ficou escondida. É destinada para todos, porque “Tudo foi feito por Ele” (*Jo* 1, 3), “o mundo foi feito por Ele” (*Jo* 1, 10) “e sem Ele nada foi feito” (*Jo* 1, 3). O testemunho de João Batista é para todos: “Este veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por meio dele” (*Jo* 1, 7). E Jesus diz: “Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo” (*Jo* 9, 5). Ele brilha para o mundo inteiro, para cada homem no mundo (cf. *Jo* 1, 9).

No sentido deste universalismo Jesus fala com a samaritana: “Acredita-Me, vem a hora em que não adorareis o Pai, nem neste monte nem em Jerusalém” (*Jo* 4, 21). O Pai procura uma outra adoração que não está mais dependente de um lugar determinado. Muito mais importante é a maneira e o modo como se reza: “Mas vem a hora, e já chegou, em que os verdadeiros adoradores hão de adorar o Pai em espírito e verdade, e são esses adoradores que o Pai deseja. Deus é espírito, e os seus adoradores devem adorá-lo em espírito e verdade” (*Jo* 4, 23-24). Jesus mesmo reza no espírito e na verdade. Ele possui o Espírito Santo e Ele mesmo é a verdade. Adorar “em espírito e verdade” significa, portanto, rezar junto com Jesus, participar na sua adoração e na sua entrega.

Uma outra característica do universalismo Jesus nos mostra na parábola do bom Pastor. Jesus conduz as suas ovelhas que ouvem a sua voz. Mas Jesus tem também outras ovelhas que não são deste aprisco: “Pre-

ciso conduzi-las também, e ouvirão a minha voz e haverá um só rebanho e um só pastor” (*Jo* 10, 16). Jesus confirma o que os samaritanos constataram solenemente: “Ele é realmente o Salvador do mundo” (*Jo* 4, 42). A missão de Jesus se estende sobre todos os homens. Por isso, João explica a profecia de Caifás: “Vós não entendeis nada! Nem considerais que vos convém que morra um só homem pelo povo, e que não pereça toda a nação” (*Jo* 11, 49-50), com as seguintes palavras: “Jesus havia de morrer pela nação, e não somente pela nação, mas também para que fossem reconduzidos à unidade os filhos de Deus dispersos” (*Jo* 11, 52).

Na Cruz se revela o amor universal de Deus para com todos os homens. A túnica sem costura é um símbolo da união do novo povo de Deus, que se reúne em torno do Crucificado (cf. *Jo* 19, 23). Este símbolo é confirmado pela realidade. Da Cruz Jesus diz a Maria, sua Mãe: “Mulher, eis aí teu filho! Depois disse ao discípulo: Eis aí tua mãe. E dessa hora em diante o discípulo a levou para a sua casa” (*Jo* 19, 26-27). Dizendo “Mulher” Jesus faz a ligação do livro do Gênesis (3, 15), passando pelas bodas de Caná (*Jo* 2, 4) até o Apocalipse (*Apc* 12, 1). Nestes lugares se fala sempre da “Mulher”. Assim como Maria, como Igreja, se tornou a Mãe de todos, João representa todos os fiéis. O Espírito, que Jesus rendeu na sua morte, realiza a unidade do novo povo de Deus: “Havendo Jesus tomado do vinagre, disse: Tudo está consumado. Inclinou a cabeça e rendeu o espírito” (*Jo* 19, 30). O Espírito dirige o nosso olhar para a Cruz: “E diz em outra parte a Escritura: Olharão para aquele que transpassaram” (*Jo* 19, 37). Deste modo Jesus reúne, pelo Espírito, os filhos dispersos. Tarefa dos Apóstolos é colaborar neste trabalho. Um símbolo para isto é a pesca milagrosa depois da ressurreição de Jesus: “Subiu Simão Pedro e puxou a rede para a terra, cheia de cento e cinquenta e três peixes grandes. Apesar de serem tantos, a rede não se rompeu” (*Jo* 21, 11).⁵⁰

A obra da salvação de Jesus não se limita, portanto, ao povo de Israel no tempo de Jesus. Jesus veio para comunicar a sua revelação a todos os homens de todos os tempos e lugares, que querem ouvir a sua voz. Ele é o Rei dos judeus, como o título da Cruz proclama em três línguas. Era a última oferta de graças, de Jesus ao seu povo. Pela rejeição se abre a porta para o mundo inteiro.

Os textos que temos mostrado, manifestam agora o alcance universal da revelação de Jesus. Jesus, apesar de ter vivido num determinado tem-

⁵⁰ Cf. I. de LA POTTERIE, *Gesù Cristo pienezza della verità*, 318-328.

po e lugar sob as condições daquela época, é realmente o salvador do mundo inteiro.

De la Potterie diz: “Não se pode negar que para São João Cristo é verdadeiramente a plenitude da verdade, o ápice da revelação; Ele é isto, seja do ponto de vista do Antigo Testamento, como do ponto de vista das épocas sucessivas até ao fim dos tempos.”⁵¹

O ponto decisivo é a Cruz. Temos visto que exatamente na Cruz Jesus exerce a sua realeza para comunicar-nos pela sua morte redentora a participação na vida divina e, com isso, a entrada no seu reino. A Cruz é o ponto culminante da revelação. Jesus se revela como o Filho do Pai que nos amou até ao fim e dá o seu Espírito para levar a sua obra à sua consumação. Na Cruz Jesus é Rei e Testemunha da verdade. No último capítulo do nosso trabalho queremos, portanto, ainda responder à pergunta: Jesus é Rei, pela Cruz ou pela verdade?

IV. A Cruz é a revelação da realeza de Cristo

Temos visto que Jesus responde à pergunta de Pilatos, se Ele é Rei, com a indicação ao seu testemunho da verdade (cf. *Jo* 18, 37). Jesus oferece a todos que ouvem a sua voz a possibilidade de tornar-se os seus discípulos. Desta maneira Ele forma o novo povo de Deus e é Rei do povo messiânico. Vemos como o reino da verdade é intimamente unido com a realeza de Cristo.

Temos também visto que a Cruz é o trono de Cristo, de onde Ele reina e para onde Ele quer atrair tudo. A exegese da Paixão mostrou isto claramente. Jesus é, então, Rei por causa da verdade ou por causa da Cruz, ou por causa de ambas as coisas?

Durante as considerações sobre o significado da verdade no evangelho de São João, chegamos sempre de novo ao resultado que a verdade, da qual Jesus fala e com a qual Ele se identifica, é a revelação do mistério da sua pessoa e da sua missão, ou com as palavras de I. de la Potterie: “Para S. João a palavra ‘verdade’ não significa realidade, mas indica a revelação messiânica, a revelação que se identifica com a mensagem e a pessoa do homem Jesus.”⁵² Neste sentido a Cruz é o auge da revelação

⁵¹ *Ibidem*, 324.

⁵² I. de LA POTTERIE, *Gesù e i samaritani*, 75.

por excelência, porque exatamente na Cruz Jesus revela o mistério da sua pessoa e da sua missão. “Com efeito, de tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu seu Filho único, para que todo o que n’Ele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3, 16). Na Cruz Jesus se torna o Rei da verdade, porque na Cruz se revela a manifestação do amor de Deus para com os homens. Na Cruz e pela Cruz do seu Filho o Pai revela o plano da salvação para os homens. A Cruz revela o Pai que nos oferece o seu Filho por amor; a Cruz revela também o Filho que nos ama até a consumação e que realiza o plano salvífico do Pai com entrega perfeita. A Cruz revela a vida nova porque Jesus mesmo disse: “Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, caído na terra, não morrer, fica só; se morrer, produz muito fruto” (Jo 12, 24). A Cruz revela o Espírito da verdade que continua a missão de Jesus: “Havendo Jesus tomado do vinagre, disse: Tudo está consumado. Inclinou a cabeça e rendeu o espírito” (Jo 19, 30). Na Cruz se realiza a palavra de Jesus a Pilatos: “Tu dizes que sou Rei” (Jo 18, 37). Ele é Rei mas de uma maneira totalmente diferente como Pilatos e os homens pensam. Na Cruz Jesus dá testemunho da verdade. I. de la Potterie confirma isto: “Os textos, ao contrário, nos obrigam a identificar Jesus e a revelação: se Jesus traz a plenitude da revelação, Ele faz isto com a revelação do seu próprio mistério, com o testemunho da verdade, para o qual Ele morre.”⁵³ E se de la Potterie afirma que a doutrina e a obra de Jesus levam à revelação de si mesmo, encontramos de novo na Cruz a revelação por excelência da sua doutrina e das suas obras. Na Cruz Jesus dá o exemplo do amor perfeito porque Ele dá a sua vida pelos seus amigos, a fim de que eles tenham a vida, e a tenham em abundância (cf. Jo 15, 13; 10, 10).

Vemos a união inseparável entre a realeza de Jesus e o seu testemunho para a verdade. Jesus é Rei pela Cruz, mas também pela verdade. A revelação encontra a sua consumação na Cruz. É exatamente a verdade que une os dois aspetos: Jesus é Rei na Cruz, Ele reina sobre aqueles que ouvem a sua voz e, com fé, olham para Ele na Cruz (cf. Jo 19, 37). A finalidade deste reinado é atrair todos a si (cf. Jo 12, 32). Giblet confirma estes pensamentos: “A verdade de Deus é revelada através da humanidade de Jesus Cristo e ela é sumamente revelada nos acontecimentos da Páscoa.”⁵⁴

⁵³ ID., *La vérité dans Saint Jean*, 104.

⁵⁴ J. GIBLET, *Aspects of the Truth in the New Testament*, 40.

A unidade de revelação e Cruz tem também as suas conseqüências para a vida cristã. Se Jesus nos convida a praticar a verdade (cf. *Jo* 3, 21), significa isto não somente viver em concordância com a verdade. Devemos dizer com de la Potterie:

“Praticar a verdade” inclui no quarto evangelho todo o processo da assimilação da verdade, o caminho do progresso na fé; significa “apropriar-se da verdade” de Jesus, escutando a sua palavra e contemplando a sua pessoa e as suas obras. Deste modo o homem entra progressivamente no mistério de Cristo e torna-se cristão.⁵⁵

Uma vez que Jesus se revela plenamente na Cruz, o processo de apropriar-se da verdade de Cristo inclui o mistério da Cruz. Se queremos ser cristãos devemos entrar no mistério todo de Cristo. Este mistério se revela na Cruz, por conseguinte também na cruz de cada cristão que se esforça para ouvir a voz de Jesus e segui-l’O.

Paulus Seeanner ORC

⁵⁵ I. de LA POTTERIE, *Verità biblica e verità cristiana*, 23.